



SEGUROS

CADA VEZ MAIS PADRES E BISPOS ADEREM AO SEGURO-SAÚDE OFERECIDO PELA CÁRITAS

Padres, bispos, religiosos, religiosas, congregações e entidades, ligados ou não à Arquidiocese de São Paulo, têm a saúde segurada por intermédio da Cáritas.

Tradicionalmente conhecida por sua atuação junto às comunidades empobrecidas, a Cáritas decidiu ampliar suas atividades oferecendo mais esse serviço à comunidade clerical no cuidado à saúde e no seguro patrimonial e de automóveis.

Contando com o apoio técnico de empresas como DHS Corretora de Seguros e Bamerindus Seguradora, a Cáritas concede cobertura de seguro-saúde para padres e bispos da Arquidiocese de São Paulo, Dioceses de Santo Amaro, Santo André, Botucatu, São Carlos, Bragança Paulista e Registro.

Utilizam-se também do Seguro-Saúde da Cáritas mais de 350 padres da Ordem Franciscana da Província da Imaculada Conceição (Largo de S. Francisco) e cerca de 35 Agostinianos e 26 Beneditinos do Mosteiro de São Bento.

**SEJA UM SEGURADO
PROTEJA-SE!
DEFENDA-SE
FIQUE SEGURO COM A CÁRITAS SEGUROS**

CÁRITAS ARQUIDIOCESANA

Rua Wenceslau Brás, 78, 2º andar- Conj. 210/213
01016-000 Centro, São Paulo - Capital
Tel. (011) 606-7280 / 605-4023
Fax 607-6763

EDITORIAL

POR UMA TEOLOGIA APAIXONADA

O décimo quarto número da *Revista de Cultura Teológica* coincide com o início do ano acadêmico. O novo pode estar sempre pleno de surpresas. Aliás assim é a vida, o futuro é o resultado de decisões tomadas ou não, nos momentos bifurcativos de nossa existência. Em todo caso, por mais estranheza que possa suscitar o título deste editorial, um dos desafios ao qual a teologia não pode deixar de enfrentar é a suposta apatia na qual estão mergulhados alguns setores da sociedade e quem sabe também da Igreja. A sabedoria cabocla afirma que “apagar fogo em sapezeiro, só com fogo de encontro”. A hegemonia da cultura urbana pode impedir aos cidadãos o acesso à compreensão desta máxima. Com ela, o que se quer ressaltar é: somente um apaixonado fazer teológico enraizado na sólida e histórica experiência de fé da comunidade cristã pode, em primeiro lugar, legitimar a própria existência da teologia cristã. E, em segundo lugar, será assim que o trabalho reflexivo poderá dar um testemunho importante no anúncio daquilo que é central na teologia católica. Em outros termos, a cada dia se torna mais urgente mergulhar nas fontes do cristianismo. O texto “sobre o termo pericórese” de Maria Freire quer ajudar nesta tarefa. Ele o faz a partir de algo essencial: “a comunhão e a interpenetração da vida na comunidade trinitária” (p. 19).

Nem só de Tradição se faz o cristianismo. A Palavra revelada ocupa um lugar indispensável. Nesta edição, o texto “Zacarias, o profeta messiânico” de Michele Piscopo quer dar consistência ao fato de que “Deus se lembra do seu povo e por ele o seu coração se comove para criar a comunidade nova, comunidade de amor, de vida, de liberdade, de comunhão” (p. 53). Contudo, não basta testemunhar e anunciar. Após a publicação do documento 54 da CNBB: *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*, fica claro que são quatro as exigências da evangelização. Sem serviço aos pobres e diálogo, não haverá evangelização verdadeira. Também o teólogo, no seu esforço científico de explicitação da revelação serve aos pobres. Ao colocar seu saber a serviço dos “direitos humanos e dignidade”, como faz o Côn. Dr. José Adriano, ao reconhecer que “a fundamentação religiosa da dignidade do homem se encontra num modelo teológico de criação” (p. 7), o teólogo contribui na difícil tarefa de fazer com que a opção pelos pobres seja não só consciente mas plena de racionalidade e, portanto, expressa no ritmo e linguagem compreensíveis ao homem moderno.

Pois, deste modo, como ressalta o texto "fraternidade e política" do xaveriano Mário Menin, retomando Edward Schillebeeckx, fica-se claro que 'fora do mundo não há salvação', razão pela qual os cristãos não podem renunciar "à sua responsabilidade de mulheres e homens, cidadãos solidários (...) eles têm que ser a voz dos sem voz" (p. 15).

Aliás este é um "osso duro de roer": as Instituições eclesiais e a própria Pastoral têm uma função política? O problema é amplo, porém a longa história da presença cristã na América latina já acumulou material suficiente para reduzir ao silêncio qualquer pretensão de uma leitura unívoca da pastoral. Sem dúvida alguma, apenas a partir de uma releitura desta mesma história que se poderá pensar num diálogo fecundo. Diálogo necessário que implica até na inculturação das instituições. Pois, como destaca Moacir Goulart, no texto "Cebis: Igreja inculturada", "a Igreja e as Cebis de modo geral precisam aprender a sair de si mesmas, irem para a rua, serem missionárias" (p. 51). Mesmo que para isso seja necessário um 'resgate histórico-sistemático de desafios, respostas e propostas' semelhante ao proposto pelo Pe. Paulo Suess no que diz respeito à "Pastoral indigenista nos anos 80" (p. 117). A especialidade da teologia porém é fazer tudo isso com tal fervor, paixão e rigor que o estudo da mesma contribua para "a transformação do coração humano" (p. 80), como muito bem observou Frei Timothy Radcliffe, mestre da Ordem dos pregadores, no texto: "manancial da esperança o estudo e o anúncio da boa nova". Pois "estudar é entrar em diálogo com nossos próprios irmãos e com todos os seres humanos em nossa busca da verdade que nos fará livres" (p. 82). O estudo e a investigação teológica não possuem um fim em si mesmos. São a porta para a liberdade. Uma liberdade que permite descobrir o outro como parceiro de comunhão. Ainda que, em muitos casos, para se descobrir essa realidade que interpela a teologia só sobra o grito e a dor reprimida. Descobrir o sentido desse grito é uma tarefa pois ele existe e afinal, depois que Jesus gritou na cruz 'tudo está consumado', o grito dos pobres passa a ter um sentido ainda maior. Este grito revela rostos, vidas que permitem ao teólogo de forma séria e amorosa se colocar a serviço dos pobres, aliando-se a eles na mais elementar de todas as lutas: o direito à existência, ao reconhecimento. Assim se dará a tentativa de teorização que poderia ser descrita "em termos mais práticos como comunicação em vista da comunhão com o outro" (p. 116), onde o outro não será um anônimo mas alguém que possui um rosto que deve ser acariciado porque amado.

M. A. S. R.

DIREITOS HUMANOS E DIGNIDADE

Côn. Dr. José Adriano

1. Direitos Universais

A grande maioria dos países do mundo é signatária da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A ONU a aprovou em 10 de dezembro de 1948 por considerar que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. Essa declaração reafirma que todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direito. São dotados de razão e consciência, portanto, a relação de uns com os outros, em todos os atos humanos deve ser de fraternidade. A igualdade é, assim, fundamental para o convívio humano baseado na justiça. Todo homem, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, credo político ou condição social, tem direitos inalienáveis e inescusáveis, tais como: a vida, a liberdade e a segurança. O ethos cristão, desse modo, tem muito a oferecer ao buscar a unidade, a solidariedade e tantos outros valores evangélicos.

Os Direitos Universais não são outra coisa senão aqueles já inscritos no coração humano pelo Cri-

ador e que chamamos de *Lei Natural*. Tomar consciência desses direitos é fundamental para se considerar infamante tudo o que viola a integridade da pessoa humana e para constatar que toda agressão à dignidade do homem é pecado contra Deus, pois, "ofende grandemente a honra do Criador"¹.

Hoje, se toma consciência cada vez mais aguda do valor da pessoa humana como centro e agente da história, pois, a igualdade fundamental do homem provém em definitivo de sua origem e destino sobrenaturais, porque criados à imagem de Deus e redimidos por Cristo. Deus não criou dois tipos de humanidade: uma que se afirma e enriquece, outra que sofre e se aniquila, uma que pode matar em nome de Deus, outra que morre por causa de Deus. Assim, a fundamentação religiosa da dignidade do homem se encontra num modelo teológico de *criação*: homem - imagem de Deus - pessoa - centro do universo - agente da história. Essa teologia tem valor universal e põe em evidência a igualdade fundamental de todos os homens e mulheres da terra.

1. GS 27,3